

Ultrapassagens

O BRASIL E AS MAIORES ECONOMIAS DO MUNDO EM MEADOS DO SÉCULO 21

Rogério L. Furquim Werneck*

Um estudo recente, divulgado pela Goldman Sachs, tenta vislumbrar que tamanhos terão, daqui a 50 anos, as economias de quatro grandes países, agrupados sob a sigla BRICs: Brasil, Rússia, Índia e China,. Trata-se de um documento de 24 páginas, de leitura fácil (disponível em <http://www.gs.com/insight/research/reports/99.pdf>), que vem tendo alguma repercussão na mídia, tanto no País como no exterior. Certas questões levantadas no documento merecem atenção e ensejam discussões interessantes, que servem de contraponto à interminável temática de curto prazo que vem dominando o debate econômico do País há tantos anos.

Essencialmente, o que se prevê no estudo é que, em 2050, a China já se terá tornado a maior economia do mundo. Os Estados Unidos terão passado ao segundo lugar. Em seguida virão, pela ordem, Índia, Japão, Brasil e Rússia. Os quatro BRICs terão ultrapassado, por larga margem, as quatro maiores economias da Europa: Alemanha, Reino Unido, França e Itália. (Ainda que, em 2050, com o avanço da consolidação da União Européia, estatísticas sobre a economia alemã, por exemplo, possam ter passado a ter a mesma importância que hoje se atribui a estatísticas sobre a economia da Baviera.) Para que o Brasil alcance o quinto lugar, teria de manter uma taxa média de crescimento da ordem de 3,6% ao ano, ao longo do período em análise.

Algumas das conclusões não chegam a ser surpreendentes. Quem acompanha os indicadores de desenvolvimento, publicados anualmente pelo Banco Mundial, terá notado que, já há alguns anos, China e Índia estão incluídas entre as quatro maiores economias do mundo, no ranking baseado em estimativas de produto agregado convertidas a dólares por taxas de câmbio que refletem paridade de poder de compra. Por esse critério, a China já ultrapassou o Japão e é a segunda maior economia do mundo. E a Índia já é a quarta. Visto de uma perspectiva de prazo realmente longo, tal reposicionamento parece mais do que natural. O que era anômalo é que dois países com contingentes populacionais tão vastos (37,6% da população mundial em 2001) fossem responsáveis por parcela tão diminuta da produção mundial. O crescimento relativamente rápido da renda por habitante nos dois países, nos últimos anos, já foi suficiente para alçá-los a posições bem altas no ranking de grandes economias.

A idéia de que a China esteja agora destinada a ultrapassar os Estados Unidos e a se tornar a maior economia do mundo soa particularmente crível no momento atual. Ainda mais quando se tem em conta as altíssimas taxas de crescimento econômico que vêm sendo mantidas pela economia chinesa já há muitos anos. Mas a discussão dessa possibilidade trás à mente previsões similares de ultrapassagens espetaculares, feitas ao longo dos últimos 50 anos, que na verdade se revelaram equivocadas. No final da

década de 50, a constatação de que a União Soviética vinha crescendo, desde a 2^a Guerra Mundial, ao dobro da taxa de crescimento da economia norte-americana, deu ensejo, nos EUA, a preocupações quase históricas com os graves desdobramentos geopolíticos que poderiam advir de uma possível ultrapassagem. Mas quem em 1959, ou mesmo em 1969, poderia antever com clareza o que ocorreria com a União Soviética em 1989? Já na década de 70, o que se previa era que a economia japonesa, que vinha ostentando sólido e impressionante processo de crescimento, estava fadada a ultrapassar a economia norte-americana. Mais uma vez, as previsões revelaram-se totalmente infundadas, à medida que o proverbial dinamismo econômico do Japão desapareceu, como por encanto, dando lugar a longo período de estagnação.

Mas mesmo tendo em mente tais previsões equivocadas, a possível ultrapassagem chinesa parece ser um caso um tanto distinto. Com uma população 4,5 vezes maior do que a dos EUA, bastaria à China chegar a ter cerca de 22% do produto por habitante norte-americano para se tornar a maior economia do mundo. Vista dessa forma, a ultrapassagem parece quase inexorável. Quando exatamente isso ocorrerá é a grande questão. Muito deverá depender da complexa transição social e política que a China ainda terá de enfrentar para se transformar em sociedade efetivamente moderna.

Do ponto de vista do Brasil, o mais importante de tudo isso não é propriamente se a China deverá ou não ultrapassar os EUA nas próximas décadas. O que é de fato relevante é a possibilidade de que a maior parte do dinamismo da economia mundial passe agora a provir persistentemente da Ásia. No estudo da Goldman Sachs, a previsão é que já em 2009, o aumento anual de demanda agregada dos quatro BRICs terá superado o aumento de demanda proveniente do G6 (Estados Unidos, Japão, Alemanha, Reino Unido, França e Itália). E que, em boa parte, isto deverá decorrer do crescimento da China e da Índia. É fácil perceber o que esse prognóstico poderá significar em termos de mudanças na composição do crescimento do comércio internacional. O que torna o avanço das relações comerciais do Brasil com os países asiáticos cada vez mais prioritário, como aliás já vem sendo sugerido a gritos pela gigantesca taxa de crescimento das exportações brasileiras para a China.

Já houve quem impiedosamente alardeasse, com certa dose de razão, que economistas são mais úteis para explicar com clareza o que já aconteceu do que para prever, mesmo que de forma obscura, o que está por acontecer. Quando se trata de um horizonte de previsão de meio século, nem é preciso dizer, a cautela deve ser redobrada. Mas, por mais discutível que possa ser, o exercício de futurologia da Goldman Sachs serve para estimular reflexões que, no Brasil, têm recebido bem menos atenção do que merecem.

* Professor do Departamento de Economia da PUC-Rio.